

A PROPÓSITO DE INTERDISCIPLINARIDADE

Prof.^a IVANI CATARINA FAZENDA

IVANI CATARINA FAZENDA É PROFESSORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA PUC DE SÃO PAULO. MESTRA EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO, DOUTORA EM ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO E LIVRE DOCENTE EM DIDÁTICA, DESENVOLVE UMA LONGA EXPERIÊNCIA EM PESQUISAS E ESTUDOS INTERDISCIPLINARES. PUBLICOU 15 LIVROS NA ÁREA DE INTERDISCIPLINARIDADE DOS QUAIS OS MAIS RECENTES SÃO "A ACADEMIA VAI À ESCOLA" E "A PESQUISA EM EDUCAÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES DO CONHECIMENTO" PELA EDITORA PAPIRUS EM 1995.

Considerando as distinções e/ou aproximações com multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade, como você definiria hoje a interdisciplinaridade?

Eu defino hoje, mais do que ontem, a interdisciplinaridade

como uma questão de atitude, de uma atitude frente à questão do conhecimento, uma atitude de não acomodação, uma atitude de luta por uma educação melhor, mais justa, uma atitude contra as limitações, e incentivando a crescer, lutando para que o espaço do professor seja redignificado e onde fundamentalmente esse professor possa dar margem às suas ousadias porque é de ousadia que estamos precisando.

“É importante que o professor no empreendimento interdisciplinar aprenda a linguagem dos gestos, a linguagem do olhar e outras linguagens...”

É com atitudes ousadas que eu acredito que a gente vá poder recuperar todas as limitações de uma educação provisória e alienada tal como se vê no Brasil. A interdisciplinaridade é uma atitude que investe nas pessoas, investe fundo nelas.

Que aspectos, sejam relativos a atitudes (subjetivas e científicas) ou concernentes

à própria atividade científica em si, que considera importantes para o empreendimento interdisciplinar?

Em estudo recente, e ainda não publicado, eu trato da tridimensionalidade da questão da atitude. A atitude não pode ser vista só por um ângulo, ela precisa ser vista por pelo menos três ângulos. O conceito de atitude tende a seguir os seguintes atalhos. Primeiro ela se constrói a partir de uma disciplinaridade científica. O que eu quero dizer com isto é que se não houver uma aquisição sólida de conceitos, as pessoas se enfraquecem.

As pessoas precisam estar teoricamente consistentes, não no sentido de venderem ou comprarem infinitas definições, mas no sentido de que as diferentes definições, lidas e estudadas, componham conceitos e que esses conceitos possam ser aprofundados e desenvolvidos em suas vidas. O segundo aspecto dessa atitude é que não se force uma leitura teórica abstrata na qual a pessoa vai construindo o seu sentido de eficiência, mas uma atitude em que ela se volte para dentro de si mesma e se justifique,

ou seja, que permita avaliar que seu comportamento frente à vida e em que proporção essa vida, sua existência se aproxima ou se distancia da teoria que estuda. E em terceiro lugar é necessário aquilo que eu defino como aquisição de uma metalinguagem. É importante que o professor no empreendimento interdisciplinar aprenda a linguagem dos gestos, a linguagem do olhar e outras linguagens para as quais ele, infelizmente, ainda não está preparado. Essa metalinguagem anda também no sentido da construção e de uma reconstrução do sentido da intuição. Então, não seriam apenas aspectos meramente subjetivos ou científicos que determinariam isso, essa atitude estaria fundamentalmente alicerçada nesse tripé. Esse tripé daria à atitude uma possibilidade da tripla dimensão. Sem se chegar ao fundo do conceito de atitude não se vai conseguir empreender esse trabalho interdisciplinar.

Quais os obstáculos epistemológicos com os quais a tarefa interdisciplinar mais freqüentemente se defronta?

O principal mesmo é a ausência de conceitos, de conceitos bem definidos. Até agora nós estivemos na pista da educação trabalhando com definições e não com conceitos. Qual a diferença que eu vejo entre definição e conceito? Define-se coisas numa única direção, segundo um único enfoque teórico. O conceito ele é composto de definições que se acrescentam e que se multiplicam. Então, a construção de conceitos é alguma coisa já ensinada pela Antropologia há algum tempo atrás, da qual a educação ainda não tomou sentido. Penso que a tarefa da construção epistemológica para o próximo milênio na educação é pelo menos uma construção conceitual numa trílice dimensão.

Qual a principal contribuição do seu trabalho para a construção do conceito de interdisciplinaridade ?

Quanto a isso, eu acho que só o tempo vai dizer. Mas pelo menos o que eu entendo do que eu tenho desenvolvido nesse trabalho, é fundamentalmente um trabalho de pesquisa e é um trabalho de pesquisa que procura incentivar a pesquisa das atitudes interdisciplinares, pois

qualquer ato por mais simples que seja, até mesmo qualquer rotina escolar quando demonstrado o empenho devido, merece ser analisado, enaltecido e pesquisado.

As vezes de uma pequena rotina bem empreendida, você consegue maravilhosas hipóteses conceituais e em alguns casos muito mais abrangentes e muito mais profundas do que algumas teorias provisórias.

Tendo em vista todo o percurso de seus estudos sobre interdisciplinaridade, como você vê as perspectivas futuras em termo de construção teórica sobre a questão?

Há algum tempo atrás, em 1994, eu publiquei um texto no qual eu faço uma revisão histórico-crítica dos estudos sobre interdisciplinaridade, da década de 60 até hoje. E disse que na década de 70 nós caminhávamos por uma discriminação conceitual, nos anos 80 nós levantamos alguns conceitos com base na evolução da idéia de ciência e de um aperfeiçoamento das ciências humanas tendo em vista que elas devam se apoiar sobretudo na

existência, e na década de 90, que já está chegando à sua maioridade, nós já estamos caminhando para uma construção antropológica da Educação. Tem sido sintoma disso os mais recentes estudos que eu venho acompanhando no mundo todo. Grupos que se debruçam, que percorrem estudos nessa direção, por exemplo, um coordenado pela Julie Klein nos Estados Unidos, outro do Canadá coordenado pelo Prof. Yves Lenoir, alguns da Bélgica, um da França coordenado pelo Prof. Sachot, dentre outros. Todos esses grupos estão caminhando no sentido da construção de conceitos. E uma redefinição de conceitos pede, por exemplo, um trabalho com o conceito de disciplina, com o conceito de avaliação, com o conceito de conteúdo, de competência e outros conceitos de base, de fundo, pede, por exemplo, a redefinição da ética do ato de ensinar, do conceito de tempo, o tempo da escola, das diferenciações do tempo, da importância da memória nos estudos educacionais, etc. São temas que estão sendo trabalhados em diferentes aspectos no mundo todo. E só para se ter uma idéia, está previsto para acontecer em

maio de 97, um grande colóquio em Estrasburg onde os estudos sobre interdisciplinaridade começaram há muito tempo atrás com Georges Gusdorf do qual Maurice Sachot é o sucessor. Maurice Sachot está organizando um grande evento para o qual ele convidou estudiosos do mundo todo a estarem agora no ano de 96, até maio de 97, construindo *papers*, nos quais nós vamos apresentar trabalhos onde serão relatados nossas pesquisas desenvolvidas desde a década de 70, onde se redefine o conceito de educação. Eu acredito que esse encontro de maio vai ser um marco na virada de uma educação disciplinar para uma educação interdisciplinar. Nossa pretensão não é a construção de uma teoria, mas de conceitos que possam estar indicando um movimento diferente na área de Educação.

Na sua revisão histórico-crítica sobre interdisciplinaridade, você identifica uma primeira questão encontrada em todos os teóricos pesquisados que é a necessidade da superação da dicotomia ciência/existência. Por isso é preciso

“uma imersão teórica nas discussões epistemológicas mais fundamentais e atuais, já que a interdisciplinaridade envolve uma questão profunda sobre os impasses vividos pela ciência atualmente”. Nesse caso, a superação dessa dicotomia significaria a superação do Racionalismo como critério ainda muito presente no processo de conhecimento?

Muito pelo contrário, mas do que nunca é fundamental que se estudem as coisas da razão. Por isso há a necessidade de uma disciplinaridade teórica. Porém você não pode ficar apenas na disciplinaridade da razão. Existe um segundo momento que é o da razão interior. O momento do porquê você existe e porque você existe pensando daquela forma. E há um terceiro momento. Se as duas coisas não se completarem com uma atitude frente ao outro que eu vou ensinar, com o qual eu vou conviver, a minha existência não terá nenhum sentido. Então, foi sobre isso que Hilton Japiassu lançou na semana passada um livro “A crise da razão e do saber objetivo” pela editora Letras &

Letras, muito importante no qual ele recupera a questão do racional. É a questão do racional no irracional. Como é que essa questão é lida, e como vem evidenciando-se agora nesse final de século.

“Nós estamos viciados a ver o outro numa única direção.”

Você destaca também a dicotomia ser/existir instalada no campo do conhecimento, para cujo estudo aponta a necessidade da discussão interdisciplinar de uma outra que lhe corresponderia: a do sujeito humano / mundo. Considerando os grandes obstáculos no desenvolvimento de uma proposta interdisciplinar, a permanência dessa dicotomia não estaria relacionada mais à resistência a uma nova ordem do conhecimento científico que exige a instauração de uma nova relação entre sujeito e objeto, de maior proximidade e identidade, enfim, uma nova

ordem no próprio processo de conhecimento?

Essa questão é prolixa porque só dá para se pensar na relação sujeito-objeto, se nós pensarmos no sentido de ambigüidade. Isso não é possível tal como algumas críticas à proposição interdisciplinar fazem dizendo ou que ela é subjetivista ou objetivista. Não. A palavra não é ou, é e. Ela navega entre a subjetividade e a objetividade. E nesse navegar entre, emerge o conceito maior de ambigüidade.

“É para esse olhar em múltiplas e inusitadas direções que a gente deve treinar os nossos professores, os nossos professores do futuro.”

Na interdisciplinaridade não se pode pensar em reduzir termos. Ficar sempre no provisório e a provisoriedade me convida ao exercício da ambigüidade. Ambigüidade fundamentalmente na construção do conceito, mas também na reconstrução das práticas.

Você assinala a

impossibilidade da construção de “...uma única, absoluta e geral teoria da interdisciplinaridade, mas é necessária a busca ou o desvelamento do percurso teórico pessoal [grifo nosso] de cada pesquisador que se aventurou a tratar as questões desse tema”. Colocado dessa forma, poder-se-ia supor tantas teorias da interdisciplinaridade quantos forem os indivíduos que se aventuraram a tratar dessa questão? Não seria possível uma teoria geral da interdisciplinaridade construída interdisciplinarmente? Que acordo mínimo ou consenso básico existe acerca de uma tal teoria?

Esse é um convite a uma grande utopia. Utopia pela qual nos movemos. Mas a gente já sabe que a utopia é possibilidade enquanto se torna esperança. Enquanto esperança concreta, o que eu posso dizer, é que os estudiosos da área têm contribuído com os seus estudos numa atitude de humildade, também sendo extremamente provisórios. Porém com a consistência tão grande, tão grande que eles adquirem formatação numa outra

proposição de teoria, não de uma teoria que se imponha, mas apenas de uma teoria que se proponha. E que se proponha no sentido de toda proposição, ela é provisória e incompleta, porém precisa ser proposta. E sobre esse aspecto, eu diria que já existe um consenso mundial.

Por outro lado, uma teoria da interdisciplinaridade não consistiria em mais um paradigma como tantos outros? Como superar os riscos de a tarefa interdisciplinar cair numa espécie de sincretismo epistemológico?

Primeiro, vive-se criando situações paradigmáticas. No momento em que você constrói alguns princípios teóricos e eles são fundamentais para qualquer ação, então o que não se fundamenta em algum princípio teórico são fantasias. Então veja, você parte de alguns princípios para construir a situação, para analisar a situação, mas o objetivo fundamental não é o princípio, mas é o da construção. Ou seja construir para concluir, para construir novamente. Assim sendo eu penso que nós estaremos

superando os riscos de uma interdisciplinaridade vir a tornar-se ser uma espécie de sincretismo epistemológico. Não. Desde que a pessoa construa conceitos em múltiplas direções, analise esses conceitos, passe-os por um filtro de sua experiência, redefina-os, e crie formas de socializá-los, eu penso que você não está lidando com sincretismo epistemológico, mas com diferentes enfoques, diferentes olhares sobre o mesmo fenômeno. E essa questão do olhar é uma questão muito pouco vista, é uma questão metalingüística que ainda precisa ser exhaustivamente estudada. Nós estamos viciados a ver o outro numa única direção. Isso em termos teóricos, em termos às vezes de ações educacionais. Mas quando a gente pára para se ver como pessoa e analisa um pouco esse nosso outro, a gente vê esse terceiro por tantas, tantas direções que é impossível às vezes conter o alcance delas. É para esse olhar em múltiplas e inusitadas direções que a gente deve treinar os nossos professores, os nossos professores do futuro.

Entrevista concedida às Prof^{as}. Catarina de Sena Costa e

Maria da Conceição Carvalho.